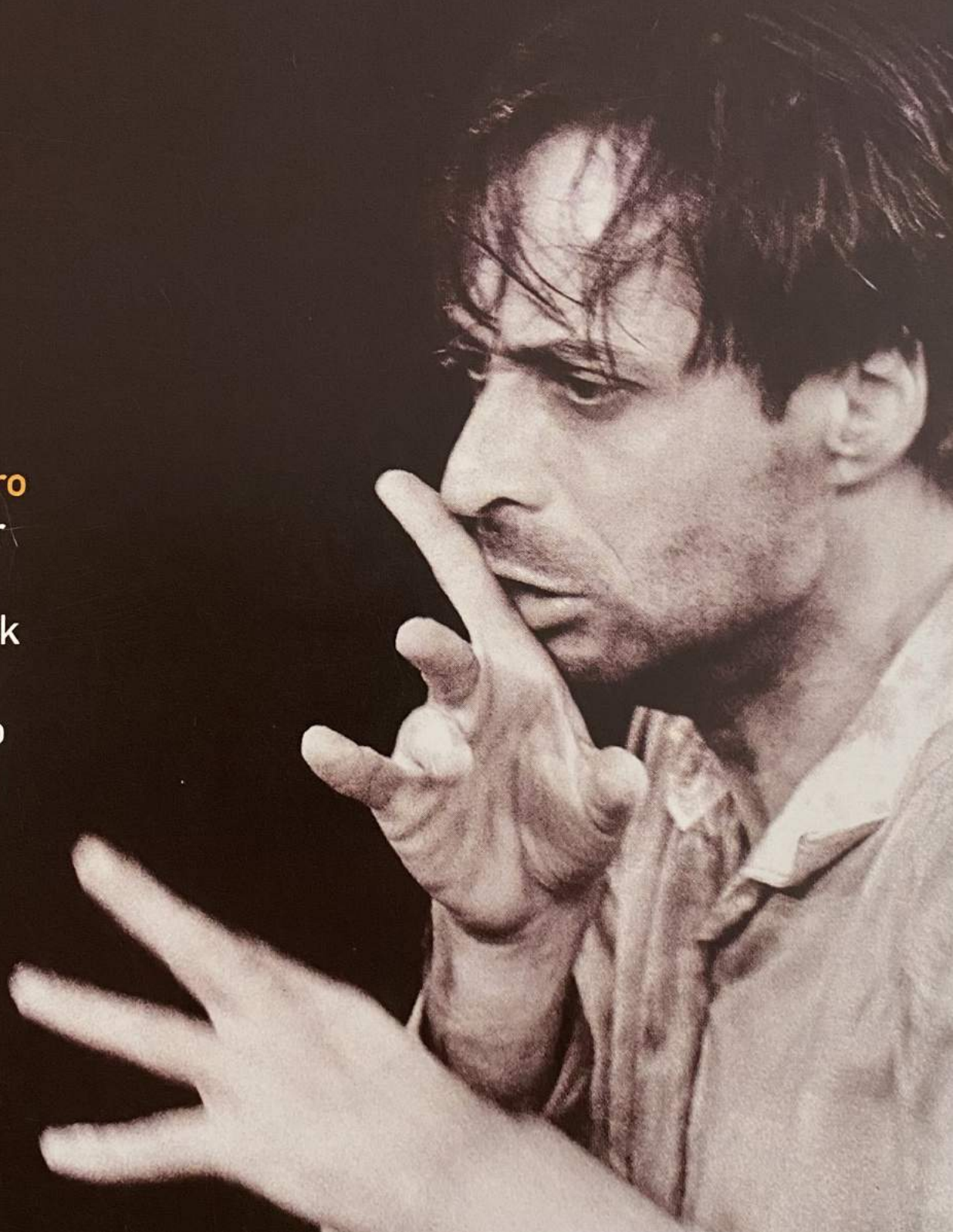
REVISTA
APLAUSO
Guia de teatro
ANO VII Nº 76
EXEMPLAR GRATUITO

Autofalante

com Pedro Cardoso



Em Cartaz
Jornal do Teatro
Clarice Niskier
Diogo Vilela
Eduardo Wotzik
Esther Góes
Flávio Marinho
Isabela Garcia
Otávio Müller
Renata Roriz
Vera Fischer

Completíssima.

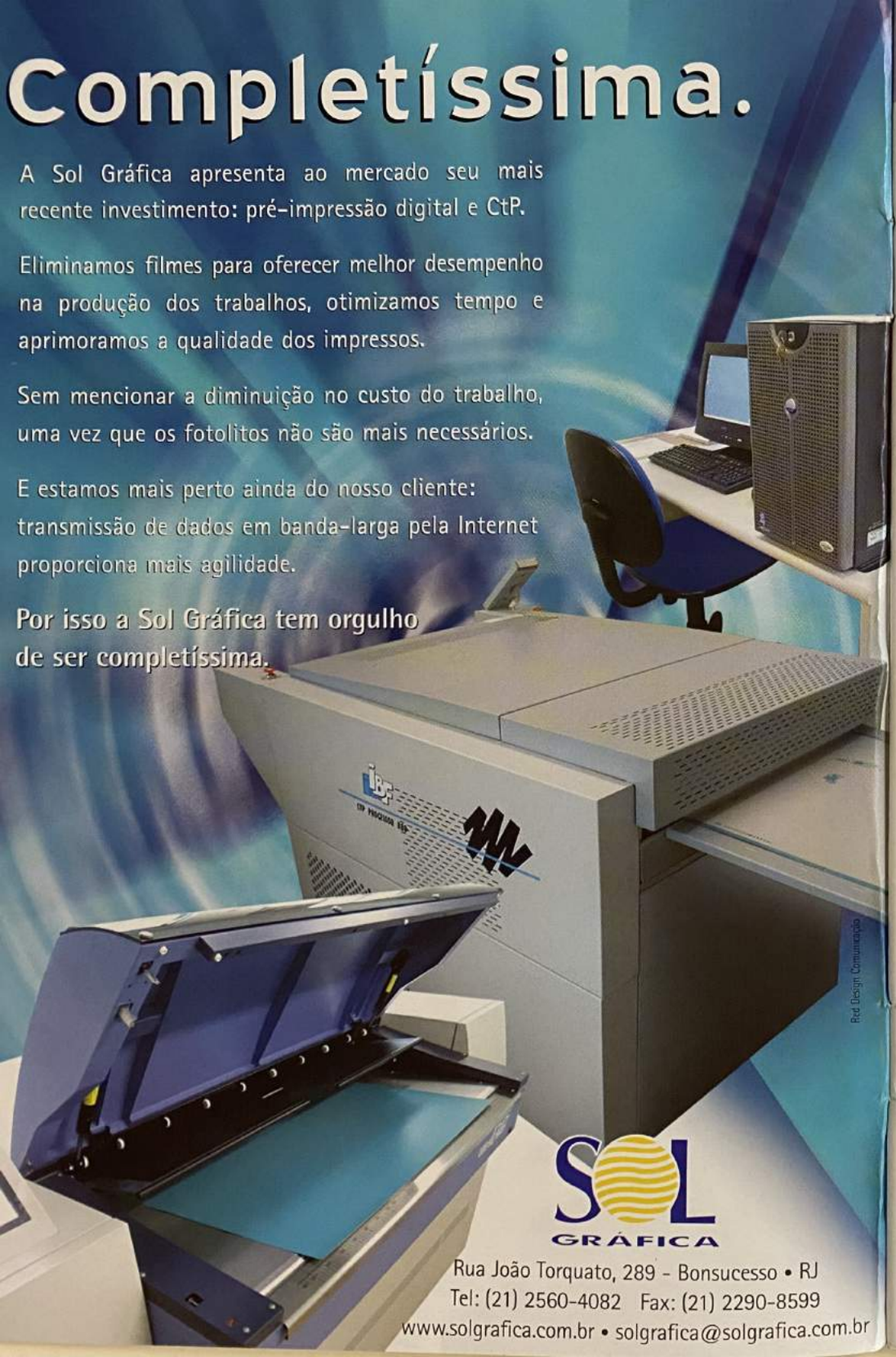
A Sol Gráfica apresenta ao mercado seu mais recente investimento: pré-impressão digital e CtP.

Eliminamos filmes para oferecer melhor desempenho na produção dos trabalhos, otimizamos tempo e aprimoramos a qualidade dos impressos.

Sem mencionar a diminuição no custo do trabalho, uma vez que os fotolitos não são mais necessários.

E estamos mais perto ainda do nosso cliente: transmissão de dados em banda-larga pela Internet proporciona mais agilidade.

Por isso a Sol Gráfica tem orgulho de ser completíssima.



SOL GRÁFICA

Rua João Torquato, 289 - Bonsucesso • RJ
Tel: (21) 2560-4082 Fax: (21) 2290-8599
www.solgrafica.com.br • solgrafica@solgrafica.com.br

Uma grande viagem

"O teatro é a minha praia, o lugar onde me identifico com a profissão e um espaço que tenho como sagrado. Sempre tive paixão por experimentar tudo: fiz comédia, drama, musical. Agora, estou num momento no qual não me interessa simplesmente fazer teatro por fazer, isto não me basta mais.

O teatro hoje, como arte, tem para mim uma função específica de ser revelador. Se for eficiente, bacaninha e engraçadinho, não interessa nem para ser visto nem para ser feito. Jamais vou aderir a esta equação distorcida, com a supervalorização do espaço individual em detrimento de uma obra. Quero seguir buscando o teatro com respostas para me dar, pesquisando e fazendo a depuração da arte.

Brinco mais na televisão, que tem um sentido de entretenimento, é um veículo mais aberto com um contato maior com a população. Faço com grande prazer, mas não tenho a mesma exigência que tenho com o teatro, um produto artístico único.

Hoje, faço teatro quando estou muito interessada. São escolhas particulares e precisas. Em Hécuba, meu trabalho mais recente, tive um envolvimento grande, com um papel e a co-direção juntamente com meu filho, Ariel Borghi. Para mim, estar dentro e fora é essencial: não posso ficar alheia. Não consigo mais viver uma parte, preciso viver inteiramente, com autoria, envolvida na concepção como um todo.

Estou num momento especial: comecei como atriz, depois virei atriz e produtora, escrevo, dirijo... Estou caminhando a passos mais largos, com a interpretação como matéria essencial disto tudo. Cada coisa é uma oportunidade de entrar num universo, vivê-lo e negar a banalidade. Cada vez que me apaixono, vou longe, viajando loucamente. Tudo que quero é que não cortem o meu barato. Isto, ninguém pode me roubar..."

Esther Góes, julho/agosto de 2006

Parabéns pra você!

Um dos grupos mais prestigiados do cenário artístico, a *Cia. dos Atores* completa a maioridade com novidades. Além da inauguração oficial da sede e do lançamento do livro *Na companhia dos Atores* – revisitando, em 172 páginas e 100 fotos, sua trajetória nos últimos 18 anos – a trupe dirigida por Enrique Diaz volta à cena no Teatro do Jockey, com duas peças mais que consagradas do seu repertório: *Melodrama* (até 30 de julho) e *Ensaio.Hamlet* (11 a 27 de agosto).

SOS Martins Pena

Primeira escola de teatro do país e referência no mundo das artes cênicas, a Escola Técnica Estadual de Teatro Martins Pena vive seu momento mais difícil, que culminou com o cancelamento do vestibular que deveria ter ocorrido em julho. A **Aplauso** torce para que as dificuldades possam ser contornadas e que de lá continuem saindo nomes de destaque do cenário teatral. Entre seus ex-alunos estão Procópio Ferreira, Teresa Raquel e Denise Fraga.

Visita russa

No ano passado, cinco companhias brasileiras carimbaram o passaporte no *VI Festival Tchekhov de Teatro*, realizado anualmente em Moscou. Agora, nossos anfitriões atravessam as fronteiras para se apresentarem no *Estação de Teatro Russo Brasil 2006*. A estréia, gratuita, acontece no dia 1º de agosto, no *Centro Cultural da Ação da Cidadania*, com o espetáculo *Noite de Reis*, um texto de Shakespeare com direção de Declan Donnellan.

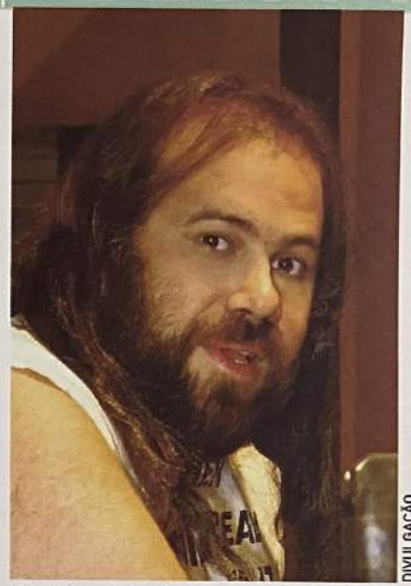
Porto Carioca

O Espaço Cultural Sérgio Porto está com um projeto fresquinho, de olho nos novos talentos com perfil *off*: o Porto Carioca. Agora, as noites de quinta-feira serão de trabalhos da geração recém-chegada, com espetáculos às 20h e 21h30, a preços populares. Até 27 de julho, no primeiro horário, a peça *Forever in aeternum*, com direção de Ana Kfouri. Logo após, *Os dragões*, com Fernanda Boechat. Em agosto, as peças são *Nada do que eu disser será suficiente até que o sol se ponha* e *Cia dos melodramáticos*.

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101, CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tels/fax: (21)2511-1390 e (21)2511-5344. E-mail: aplauso@gbl.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Walkyria Garotti (edição de arte); Simone Melamed (textos). Coordenadora de produção: Dani Albuquerque. Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Impressão: Sol Gráfica. Capa: Guga Melgar / divulgação

Otávio Muller

Na cara do gol



DIVULGAÇÃO

"O ofício do teatro, em nosso país, é para herói", diz Müller

Pode parecer lugar comum, e é. Eu fazia teatrinho de criança para a família, era convidado para jantar - talvez o meu primeiro cachê - e fazia minha apresentação, na verdade monólogos pequenos, inspirados em personagens da televisão.

Dando um salto no tempo, entro na Casa das Artes de Laranjeiras (CAL) meio em dúvida, um jovem sonhador... e meti a cara. Tive a sorte de ter professores importantes que me botaram na cara do gol, para virar ou tentar lutar para ser ator de teatro.

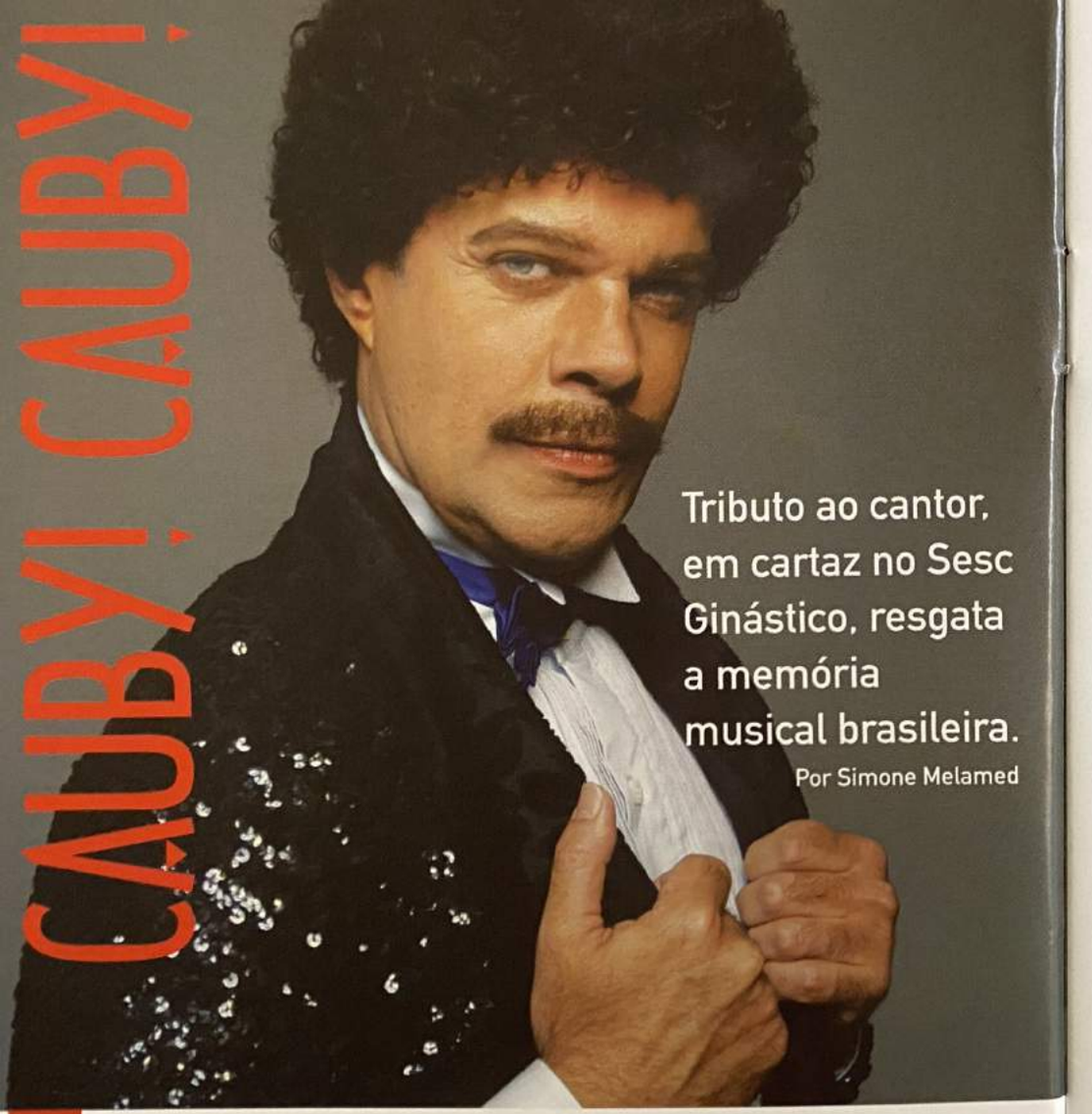
Eric Nielsen, Gustavo Ariani e Yan Michalski inventaram esta casa para se pensar, fazer e criar teatro. Luis Antônio Martinez Corrêa, Sérgio Britto, Angel Vianna, Gloria Beuttenmüller, João das Neves, Fábio Junqueira, Bia Lessa: todos ligados profundamente ao teatro.

Eu me formei na CAL e caí na vida. Eu e dois colegas lutamos junto à nossa turma - ainda na CAL - e à diretoria da Escola para nos formarmos com a Bia Lessa, menina pequena, mas nada frágil, genial. Após muita luta, conseguimos. Ficamos quase dois anos em cartaz, com críticas e indicações no jornal, viagem para Brasília – pelo projeto *Mambembe*, que deveria voltar! - e outras aventuras... Assim foi a minha estréia.

E agora estou no mercado. Será que vou sobreviver? O ofício do teatro, em nosso país, é para herói. Não há nenhum tipo de apoio, idéia, política cultural. Mas é no próprio teatro que encontramos força e inspiração.

Vou seguindo e aprendendo com o próprio teatro. Neste exato momento, preparo um projeto, no qual pretendo participar da construção do texto ao lado de Lúcio Mauro Filho, o diretor Tony Vanzolini e o autor Fernando Ceylão. Queremos colocar um pouco da história de nossas vidas nesta peça. Mais uma estréia, mais uma aventura, um pouco como autor."

CAUBY! CAUBY!



Tributo ao cantor, em cartaz no Sesc Ginástico, resgata a memória musical brasileira.

Por Simone Melamed

Assim como nos versos de *Bastidores*, canção eternizada pela voz grave e aveludada de Cauby Peixoto, a tendência é todo o cabaré aplaudir de pé, no final de cada apresentação do musical *Cauby!Cauby!*, em que Diogo Vilela interpreta – e faz uma justa homenagem – aquele que é considerado um dos maiores cantores do Brasil. Não por acaso, o momento em que canta a música de Chico Buarque é o escolhido, pelo ator, como o mais comovente do espetáculo. "Não dá pra não emocionar. A música fala da solidão do artista brasileiro. É uma facada!", confessa Diogo. O musical está em cartaz no Sesc Ginástico.

Há três anos, ele vem se preparando para recontar a trajetória deste artista emblemático, que o fisgou definitivamente enquanto acompanhava uma entrevista pela televisão. "Eu fiquei comovido com a peculiaridade, a delicadeza e a gentileza dele. A relação dele com a arte é a mesma que tenho, ou pretendo ter. O que me comoveu foi sua dedicação à profissão, a entrega como cantor, que corresponde à minha entrega. E isto não é um auto-elogio, mas uma identificação com a vocação para a arte e a tentativa de dar o melhor como artista".

E, para dar o melhor de si, ele não poupou esforços. Além de assistir a vários shows e ler sobre o cantor, Diogo começou a fazer aulas regulares de canto com o professor Victor Prochet, na tentativa de se aproximar o máximo possível do registro vocal do chamado, por revistas como a *Time*, de "Elvis brasileiro". Em nome do projeto, ele também não pensou duas vezes quando resolveu parar de fumar. "Eu, agora, vivo na inalação. Fiquei viciado em soro fisiológico", diverte-se o ator.

Com texto de Flávio Marinho – que também divide os créditos da direção com o próprio Diogo – o espetáculo tem ares de superprodução: são dez atores em cena, sob a supervisão da diretora musical Liliane Secco, cinco músicos e 120 figurinos. "O Cauby contrapõe a exuberância de sua presença cênica com uma discretíssima vida pessoal. Ele é uma das figuras mais especiais do *show-business* brasileiro, dono de estilo e voz inconfundíveis", diz o autor do espetáculo, com conhecimento de causa, já que foi ele quem dirigiu o inesquecível show, em 92, *Cauby Peixoto e Ângela Maria Encanta Brasil*.

Uma entrevista de Cauby para um jovem repórter é o fio condutor do espetáculo, que vai e volta no tempo para relembrar trechos da vida e da obra de um dos ícones dos anos dourados da Rádio Nacional, sem esquecer as figuras pontuais de sua carreira, como as amigas Ângela Maria (Marya Bravo) e Dalva de Oliveira (Sylvia Massari), além do empresário Di Veras (Carlos Gregório). "Tudo isto sem pudor do kitsch ou do glamour, sem medo da melancolia ou da autocrítica", acrescenta o dramaturgo.

"O Cauby é uma pessoa muito gentil. Não dá vontade de sair de perto dele. O mais difícil é conseguir transmitir a delicadeza e o cavalheirismo dele em cena. Ele é o Ronaldinho, ou o Pelé, da canção. Nós temos que louvar os mitos. Querer fazer Cauby talvez seja para nós uma ousada tentativa de metamorfosear sua figura, já tão carismática, em personagem teatral, para que sua imagem possa assim ficar marcada não só no canto, mas também na palavra", afirma Diogo, cada vez mais parecido – tanto na aparência quanto na voz – com o intérprete de *Conceição*.

A música do Cauby

Chico Buarque fala sobre a versão de Cauby para "Bastidores", numa entrevista, em 1989, para a Rádio Eldorado AM.
Chico: Eu fiz pra minha irmã Cristina.
Eldorado AM: Mas o Cauby encarnou...
Chico: É, ele encarnou. Eu lembro que eu estava pra viajar e um jornalista amigo meu, Tarso de Castro, me pediu uma música para um disco do Cauby que ele estava produzindo. Eu disse: "não tenho nenhuma música nova. O que eu tenho é isso aqui, que a Cristina gravou. Se ele quiser gravar..." Mas o disco dele atropelou, acabou saindo antes e ele encarnou, como você disse. Ficou sendo a música do Cauby.

FOTOS: ADRIANA PITTIGLIANI / DIVULGAÇÃO

Bastidores

(Chico Buarque)

Chorei, chorei
Até ficar com dó de mim
E me tranquei no camarim
Tomei o calmante, o excitante
E um bocado de gim
Amaldiçoei
O dia em que te conheci
Com muitos brilhos me vesti
Depois me pintei, me pintei
Me pintei, me pintei
Cantei, cantei
Como é cruel cantar assim
E num instante de ilusão
Te vi pelo salão
A caçoar de mim
Não me troquei
Voltei correndo ao nosso lar
Voltei pra me certificar
Que tu nunca mais vais voltar
Vais voltar, vais voltar
Cantei, cantei
Nem sei como eu cantava assim
Só sei que todo o cabaré
Me aplaudiu de pé
Quando cheguei ao fim
Mas não bisei
Voltei correndo ao nosso lar
Voltei pra me certificar
Que tu nunca mais vais voltar
Vais voltar, vais voltar
Cantei, cantei
Jamais cantei tão lindo assim
E os homens lá pedindo bis
Bêbados e febris
A se rasgar por mim
Chorei, chorei
Até ficar com dó de mim

não perca

O espectador assistiu, gostou e indica

FOTOS: TV GLOBO/DIVULGAÇÃO

O púcaro búlgaro

"Dentre as inúmeras qualidades desta montagem, está a de resgatar a obra de Campos de Carvalho, um dos melhores escritores brasileiros do século 20, numa linguagem ousada e bem-humorada de Aderbal Freire-Filho. O elenco também está ótimo e o Teatro Poeira é um dos mais acolhedores da cidade"

Tuca Andrada, ator

Amigas para sempre

"É emocionante ver divas do Teatro de Revista voltarem à cena nesta peça de Maria Adelaide Amaral. É um espetáculo leve, divertido e gostoso de assistir. Vale a pena!"

Fabiana Karla, atriz

Ópera do Malandro em Concerto

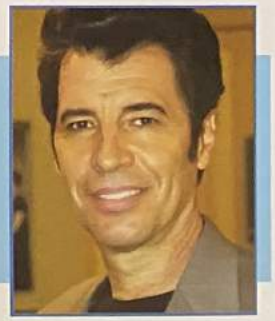
"Um trabalho primoroso do Charles Möeller e do Cláudio Botelho. É um espetáculo de deixar a gente arrepiada! As canções são lindas e, nas vozes dos cantores que estão em cena, ficam um luxo. Vale destacar as interpretações da Alessandra Verney. Ela é fantástica!"

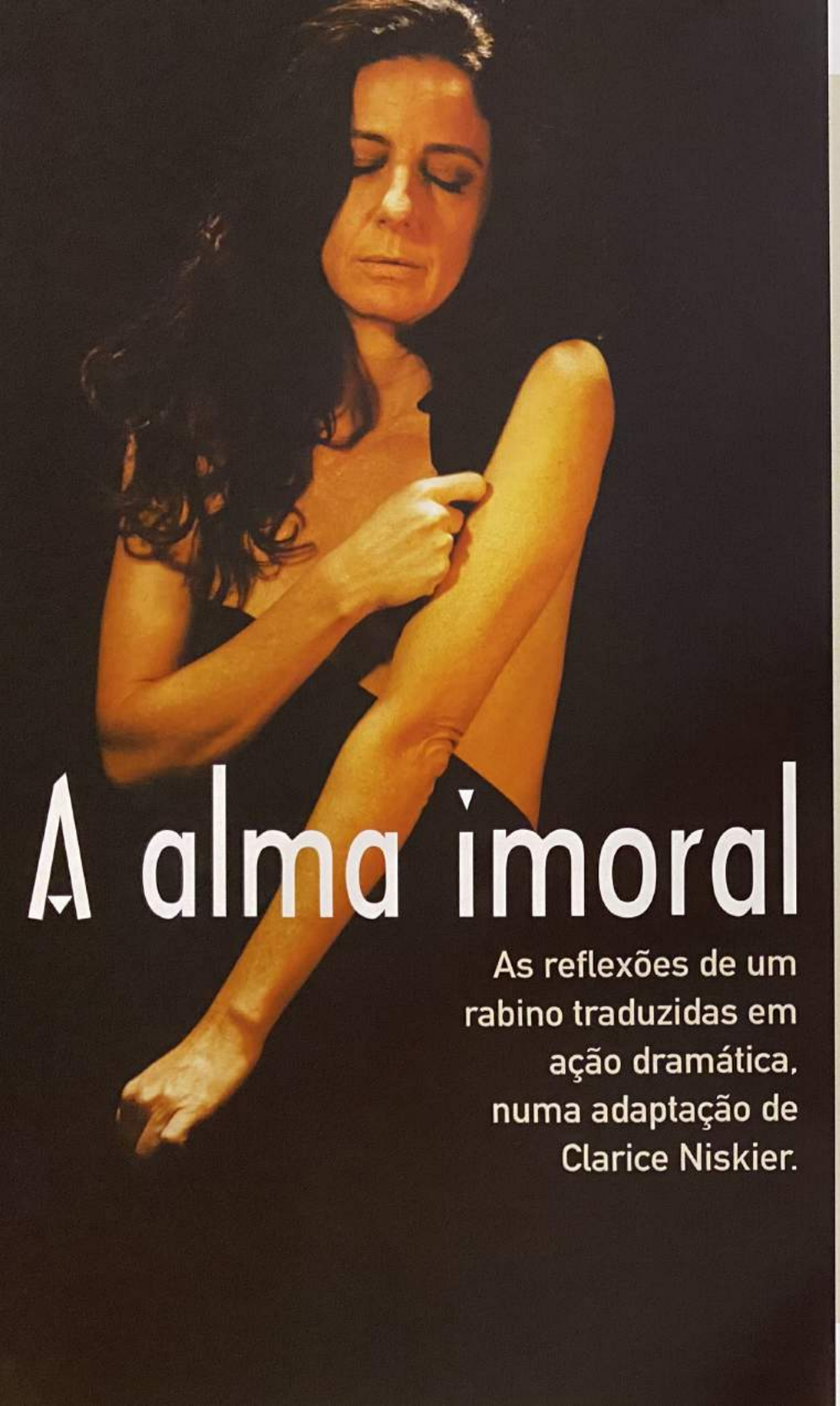
Zezé Motta, atriz

O Fio da meada

"Adorei o trabalho da atriz Marta Paret em *O Fio da Meada*, que agora está de volta à *Casa da Gávea* com a participação também do excelente Anselmo Vasconcellos."

Paulo Betti, ator





A alma imoral

As reflexões de um rabino traduzidas em ação dramática, numa adaptação de Clarice Niskier.

Se o palco é, de fato, um espaço livre e legítimo para inovações e iniciativas transgressoras, então a nova montagem em cartaz na Sala Multiuso do Espaço SESC está em consonância com uma das premissas primordiais do fazer teatral, já que a transgressão é o seu tema central. Com a supervisão de Amir Haddad, Clarice Niskier mostra sua adaptação para o texto *A alma imoral*, do rabino Nilton Bonder, lançando um novo olhar sobre a desobediência e a traição.

"A peça fala de uma força transgressora que existe em nós, uma força sagrada. O meu entendimento sobre a transgressão, nos anos 70, era de um rompimento total e absoluto. Não tinha conciliação. Quando li o livro dele, me identifiquei com a maneira como ele fala sobre a preservação da tradição e da traição, que têm de andar juntas. O texto é muito revelador da alma humana e me fez entender a minha própria natureza. Eu sempre digo para o Nilton que, se eu fosse compositora, faria uma canção *A alma imoral*. Se fosse uma artista plástica, teria feito uma escultura chamada *A alma imoral*. Mas, como sou atriz, resolvi levar para o teatro", brinca Clarice, que investe, pela terceira vez, no papel de dramaturga, enquanto comemora a recente indicação ao prêmio Shell de melhor atriz.

Complementação

A faceta de adaptadora voltou com força total depois que Clarice participou de um programa de entrevistas, em que um dos convidados era, justamente, o rabino Bonder. Questionada sobre a sua religião, a atriz respondeu que era um misto de judaísmo com budismo, gerando o comentário inquisidor, via fax, de uma espectadora. Na mesma hora, Bonder veio em sua defesa, explicando que as religiões se completam e, de quebra, ainda lhe presenteou com o livro que estava divulgando, *A alma imoral*, que ela não só leu como, logo depois, decidiu que queria encenar.

A tese é esta: não há tradição sem traição e é preciso resgatar a traição sagrada. "Eu dialogo o tempo todo com o público, num cenário que é uma estrada em perspectiva, como se eu estivesse num caminho. O que proponho é um encontro no teatro, um encontro humano. Tem uma hora em que eu digo: ´se durante a peça vocês pensarem demais, a ponto de perderem o que eu estou dizendo, não se preocupem, é assim mesmo, é sinal de que a peça já começou dentro de vocês´", diz a atriz, que também infringe uma tradicional prática do teatro, ao abrir a possibilidade, para a platéia, de pedir que alguns trechos sejam repetidos, caso não tenham sido devidamente compreendidos.

Um momento da peça

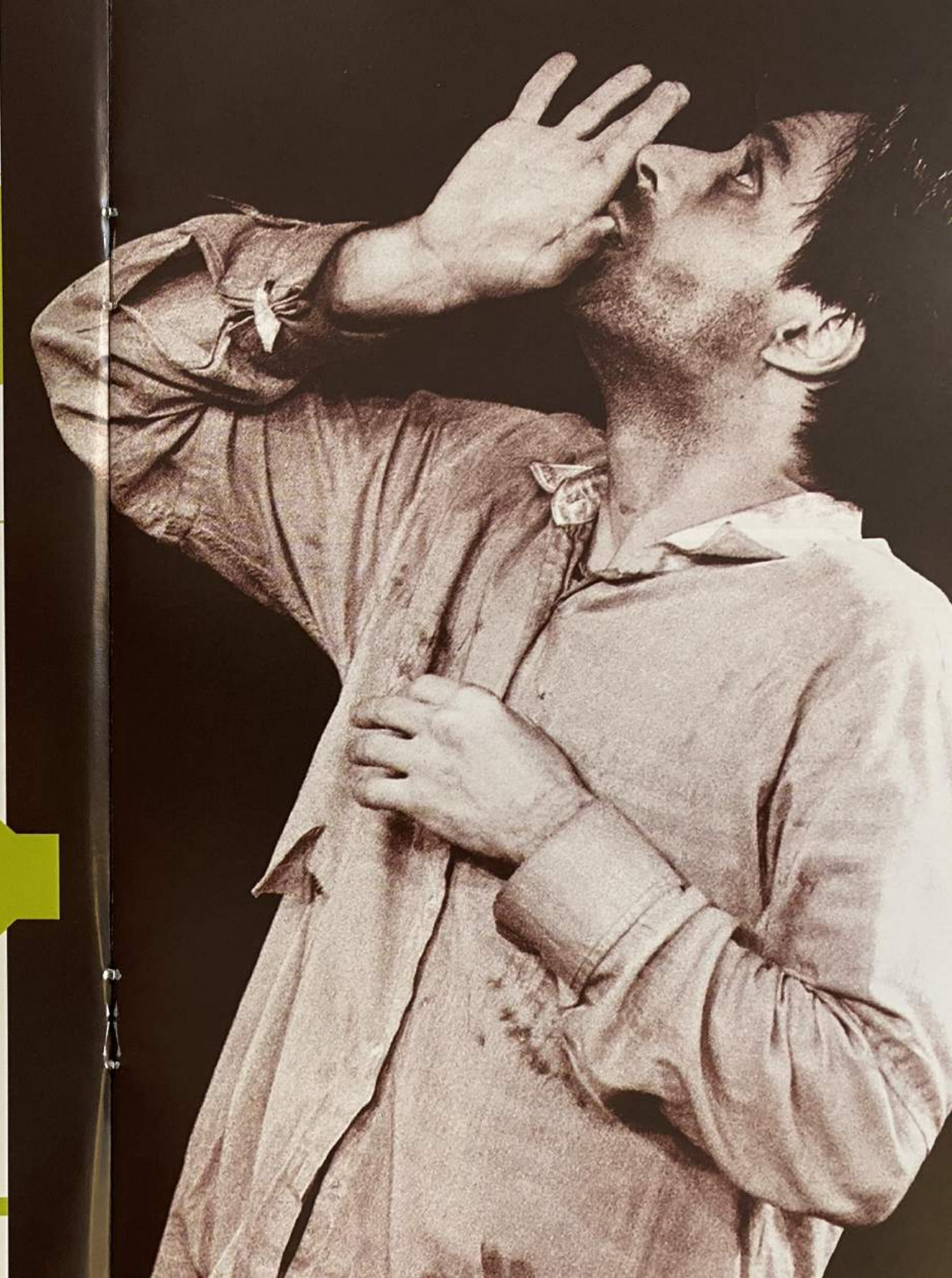
"Não há tradição sem traição assim como não há traição sem tradição. Duas palavras de escrita e fonética tão semelhantes em nossa língua quanto o são interligadas em seu significado mais profundo.
As tradições trazem o poder das instruções do passado.
As traições trazem o poder das instruções do futuro"

O AUTOFALANTE

Pedro Cardoso estréia monólogo assinando texto e direção.

Por Simone Melamed

Atire a primeira pedra quem nunca se flagrou falando sozinho, pensando em voz alta e/ou mantendo inflamados debates internos consigo mesmo. Pois para aqueles que se identificaram – sem esquecer da provável minoria que não se encaixa em nenhuma das práticas citadas – vale a pena conferir a nova peça de Pedro Cardoso, *O Autofalante*, que mostra todas essas experiências com um olhar repleto de comicidade, como é do feitio do ator que, mais uma vez, empresta o seu CPF artístico para os créditos do texto e da direção. O espetáculo está em cartaz no Teatro das Artes.



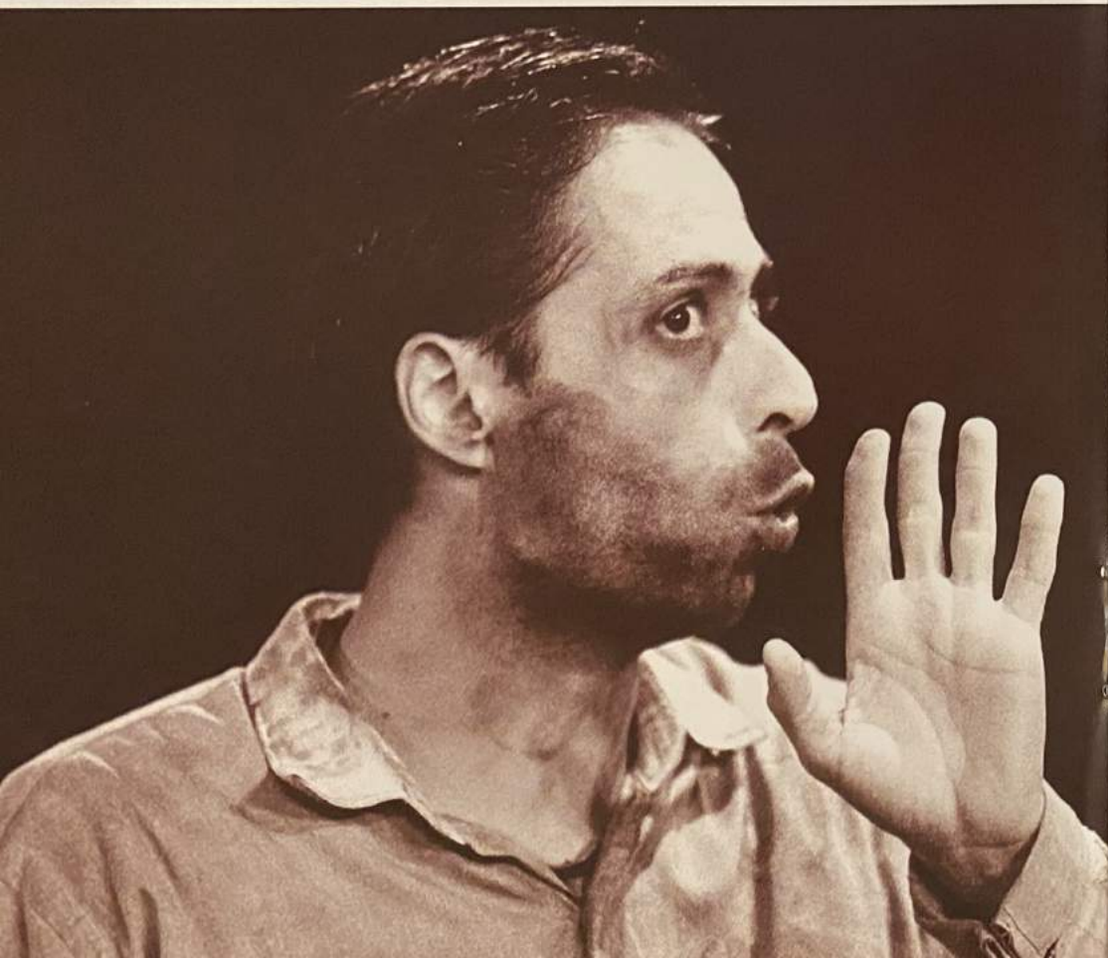
Diálogo surdo

"Escrevi a peça a partir de um impulso, de uma percepção de que as pessoas travavam diálogos internos em várias circunstâncias da vida. Antes de uma entrevista de emprego, ensaiam as perguntas e respostas. Quando precisam dizer algo desagradável, planejam, antes, a ação. A partir daí, imaginei que, como tudo, tinha um caminho de saúde e outro de doença, e comecei a ver as possibilidades cômicas. O avanço das tecnologias colocou as pessoas sem voz e levou a um sentimento de exclusão. O rádio e a televisão falam, não ouvem. Todo mundo tem opinião, fala para a tevê, mas isto leva ao solilóquio, porque elas não ouvem", diz Pedro, que conta com a supervisão de Amir Haddad para o espetáculo, em cartaz no Teatro das Artes.

Montada pela primeira vez há doze anos, a peça foi revista e modificada para contar a história de um desempregado que sofre uma crise de comunicação com o mundo e passa a falar sozinho. Isolado de tudo e de todos, ele acaba se irritando consigo mesmo, e decide romper a relação. Porém, na mais completa solidão, resolve pedir a si mesmo que interceda a seu favor, para que volte a falar consigo novamente. A partir daí, sua personalidade já está fragmentada em diversos dele mesmo, que precisam, urgentemente, se reagrupar num denominador comum. Pareceu confuso? É mais do que isto: é engraçado.

Intervalo

"Quando escrevi a peça, senti falta de alguma interrupção pra o público descansar da avalanche de informações, descansar a sensibilidade. Pedi para o Marcelo Tas fazer uns vídeos, mas não tinha idéia do que poderia ser. E ele fez de uma maneira magistral: sem ser figurativo, que reportasse à peça, mas sem ser abstrato também. É como quando a gente está num carro, tendo uma conversa com uma pessoa, e acontece uma pequena pausa, quando a gente olha a paisagem pela janela e descansa a cabeça, para que as informações trocadas se acomodem. É uma forma de distrair o público da falação", explica.



Nas prateleiras

Além do novo espetáculo, Pedro Cardoso acaba de publicar o texto da sua peça "Os Ignorantes", que vem sendo montada desde 1999 e já foi vista por mais de cem mil pessoas por todo o País. A história da peça/livro é sobre a trajetória de uma bala perdida, contada a partir dos depoimentos da vítima, de seus amigos e família, que acabam recriando o caminho do projétil.

Porcelana fina

Vera Fischer estréia peça de Feydeau, um dos mestres da comédia francesa.

Por Simone Melamed

Para quem acompanha as peripécias artísticas e pessoais de Vera Fischer, não deve ser muito fácil imaginar a atriz de rolinhos no cabelo concedendo uma entrevista. Mas foi exatamente assim que Vera – simples, simpática e solícita – recebeu a reportagem da **Aplauso**, para falar sobre o seu mais novo trabalho: *Porcelana Fina*, de Georges Feydeau, em cartaz, no Teatro do Leblon a partir de 27 de julho.

A corriqueira imagem de sofisticação e *glamour* também cai por terra, assim que Vera pisa o palco, para interpretar Júlia, a esposa de um vendedor de penicos – feitos com a tal porcelana fina que dá nome à peça – que, sem se importar muito com os negócios do marido, só pensa em dar cabo a uma suposta prisão de ventre do filho pequeno, que se recusa a ir ao banheiro.

Um desafio

"Fazer uma mulher insinuante, eu faço com os pés nas costas! Agora, uma mulher grossa, chula, mal-educada, eu nunca tinha feito. Ela é uma mulher que acorda e fica como está, recebe as visitas como está. Mas eu tenho esta loucura, eu entendo. Em comum comigo, também tem o fato de ela dizer sempre a verdade, doa a quem doer. Quando li esta peça, achei dificílima, mas tinha algo que eu nunca tinha feito. É um desafio, e eu gosto de desafios. Tudo que é difícil eu gosto.", revela a atriz, à frente de um elenco com mais seis pessoas, incluindo seu ex-marido Perry Salles.

"A Vera Fischer é uma atriz capaz de fazer muitas coisas, ela tem muita energia criativa. É capaz de fazer coisas surpreendentes", declara Antonio Pedro Borges, diretor do espetáculo. "No início dos ensaios eu dizia para ela que o personagem é uma palhaça. Agora, ela já está convencida de que o personagem é cômico mesmo. O marido quer ser fino, mas ela não faz a fina, faz a grossa", comenta o diretor, apontando Feydeau como um dos seus autores prediletos.

Primeira vez

A comédia se passa no início do século passado, quando um comerciante tenta vender sua "fina porcelana" ao exército, para que os soldados tenham o conforto que merecem naquelas horas íntimas. Porém, justamente no dia em que Sebastião Folavena recebe a visita de um alto funcionário do Ministério da Defesa para fechar um negócio, seu filho se recusa a tomar purgante, transtornando a rotina da casa e, de quebra, o acordo entre os cavalheiros.

"O pano de fundo é bem parecido com o Brasil de hoje, com as negociatas entre os senhores do dinheiro e do governo", provoca o diretor. "É uma peça inteligente, que mostra e satiriza a corrupção da burguesia francesa, como se fosse o mensalão daqui", arremata Vera, ressaltando que a peça, apesar de ter sido escrita pelo chamado "pai do *vaudeville*", não segue os padrões do gênero. "É uma comédia ingênua e surrealista, montada pela primeira vez no Brasil".

Pincel

Durante o período de ensaios da peça, Vera Fisher acabou retomando uma antiga paixão: a pintura. Diariamente, quando saía do teatro, a atriz trocava de papel, dando voz à artista plástica, entre telas, tintas e óleos. "Estou num momento pintora. Em três semanas, já pintei cinco telas, em estilo surrealista e cubista. São todas mulheres, e ainda quero fazer uma exposição com as melhores telas. Estou sempre fazendo alguma coisa: só preciso ter um momento de ócio para inventar fazer um filme, escrever um livro. Algum dia, talvez possa até dirigir (em teatro), porque gosto muito do ator. Mas agora estou pintando", conta a atriz.

FOTO: MARCELO FAUSTINI / DIVULGAÇÃO

Cora Coralina

coração encarnado

Poemas, prosas e histórias da inesquecível poetisa goiana

Em seus tachos de cobre, ela costumava misturar, em iguais proporções, doses de açúcar e afeto, com versos e reminiscências que, depois de cozidos, viravam poesia para adoçar a alma e doces para alimentar o coração. Assim era Cora Coralina, a poeta goiana – e confeiteira de mão cheia! - que tinha uma particular receita de vida e que está sendo docemente reverenciada no espetáculo *Cora Coralina Coração Encarnado*, no Centro Cultural Justiça Federal.

Concebido a partir da obra poética da escritora, a montagem é resultado de anos de pesquisa da atriz e produtora Renata Roriz, conterrânea da homenageada. "Morei um tempo na França e, quando voltei, comecei a reler a Cora, só por prazer, em busca das minhas raízes. Mas algumas coisas me saltavam aos olhos, porque eram muito teatrais, coisas na linguagem do povo, muitos 'causos' de Goiás... Resolvi fazer um roteiro biográfico, passando pela infância, adolescência, maturidade e velhice. Nós não fazemos a Cora no palco, mas as várias mulheres dentro dela, que ela põe pra fora. É a Cora com a sua autobiografia e todos os seus personagens, particularmente as mulheres", explica Renata, que divide o palco com Rafaela Amado e Rita Elmor.

Exemplo de superação

A cabocla velha, a lavadeira, a cozinheira, a mulher do povo, a mulher da vida. Todas, em cena, enaltecidas pela visão poética de Cora que, apesar de ter começado a escrever muito cedo, só publicou o primeiro livro com 76 anos de idade. Na época, a publicação não fez muito sucesso, mas dez anos mais tarde, ao ser reeditada, acabou indo parar nas mãos de Carlos Drummond de Andrade, que ficou maravilhado com o talento da goiana. O seu aval ajudou na divulgação.

"Justamente porque a Cora apareceu muito velhinha, só associam ela à velhice. Mas ela tem uma obra enorme, maior que a velhice, e eu quis mostrar isto colocando três jovens atrizes no palco: para botar a obra na frente e, depois, mostrar o esplendor da sua velhice, quando ela aparece falando e mostrando o que era", conta Renata, que lança mão de algumas inserções de vídeo – cedidos por Mariana Salles, bisneta da poetisa – nos quais a escritora, com 94 anos na época, fala sobre o que considerava o melhor tempo da sua vida.

Mesmo com todas as dificuldades de ordem material e emocional pelas quais passou, Cora Coralina deixou um exemplo de coragem, superação e ousadia, aliados a uma simplicidade e humildade sem tamanho. "Ela tem uma obra belíssima, mas também pesadíssima. Eu queria mostrar esta dureza sem aquele peso. O Orã Figueiredo (diretor) deu um tom leve para a peça, ressaltando muito bem os momentos marcantes de humor, ternura e profundidade. Pela experiência que ele tem de trabalhar com literatura no palco, sabia que ia dar um bom caldo", acrescenta a produtora, que não hesitou ao convidar Figueiredo – premiado, em 2004, com o Shell de melhor ator – para fazer a sua estréia na direção.

De Drummond para Cora

Trecho de carta enviada em 1983.

"Minha querida amiga Cora Coralina: Seu "Vintém de Cobre" é, para mim, moeda de ouro, e de um ouro que não sofre as oscilações do mercado. É poesia das mais diretas e comunicativas que já tenho lido e amado. Que riqueza de experiência humana, que sensibilidade especial e que lirismo identificado com as fontes da vida! Aninha hoje não se pertence. É patrimônio de nós todos, que nascemos no Brasil e amamos a poesia (...). Não lhe escrevi antes, agradecendo a dádiva, porque andei malacafento e me submeti a uma cirurgia. Mas agora, já recuperado, estou em condições de dizer, com alegria justa: Obrigado, minha amiga! Obrigado, também, pelas lindas, tocantes palavras que escreveu para mim e que guardarei na memória do coração. O beijo e o carinho do seu

Drummond."

FOTO: SILVIO POZATTO / DIVULGAÇÃO

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

A ALMA IMORAL

A adaptação do livro homônimo do rabino Nilton Bonder traz reflexões sobre a tradição e a traição. Adaptação e interpretação de Clarice Niskier. Supervisão: Amir Haddad. **Espaço SESC/ Sala Multiuso** (Rua Domingos Ferreira, 160, Copacabana). Fone: 2547-0156. Sexta e sábado, 20h. Domingo, 19h. R$ 6. Estudantes e idosos têm 50% de desconto. Até 13 de agosto.

A VIDA EM 4 TEMPOS

Espetáculo cênico-sonoro dividido em quatro atos, que representam as diferentes fases da vida. Texto e atuação da Cia Melpomai Cena Sonora. Direção: Daniel Belquer. **Espaço Cultural Sérgio Porto** (Rua Humaitá, 163, Humaitá). Fone: 2266-0896. Sábado e domingo, meia-noite. R$15,00.

AI, QUE SAUDADES DO LAGO!

O musical revive a época, o modo de vida e as inúmeras faces do artista Mario Lago, no ano em que ele estaria completando 95 anos. Texto: Marcos França. Direção: Joana Lebreiro. Com Claudia Ventura, Marcos França e Alexandre Dantas. **Teatro Glória** (Rua do Russel, 632, Glória). Fone: 2555-7262. Quinta a sábado, 20h. Domingo, 19h. R$ 25.

AS ÚLTIMAS HORAS DA VIDA DE CHE GUEVARA

A peça reconstitui as últimas 18 horas de vida do revolucionário cubano, baseada em interrogatório liberado 30 anos após a sua morte. Texto de John Vaz e Luiz Lula Dias. Direção: John Vaz. Com John Vaz e Fernando Bicudo. **Teatro Museu da República** (Rua do Catete, 153, Catete). Fone: 2221-3959. Sábado e domingo, 19h. R$ 20.

AMIGAS PARA SEMPRE

Ironia, cinismo e confidências são os ingredientes desta comédia que fala sobre o relacionamento entre duas amigas de infância. Texto: Maria Adelaide Amaral. Direção: Rogério Fabiano. Com Íris Bruzzi, Carmen Verônica e Roberto Lopes. **Teatro Leblon** (Rua Conde Bernadotte 26, Leblon). Fone: 2294-0347. Quinta a sábado, 19h. Domingo, 18h. Quinta e sexta, R$ 40. Sábado e domingo, R$ 50.

ANTÔNIO MARIA – A NOITE É UMA CRIANÇA!

Considerado um dos melhores espetáculos de 2004, o musical volta a cartaz mostrando um pouco da vida e da obra do autor de *Manhã de Carnaval*. Texto: Marcos França. Direção: Joana Lebreiro. Com Alexandre Dantas, Claudia Ventura e Marcos França. **Teatro Café Pequeno** (Avenida Ataulfo de Paiva, 269, Leblon). Fone: 2294-4480. Terça e quarta, 20h. R$ 20.

CAUBY! CAUBY!

O musical faz uma homenagem a um dos ícones da música brasileira, recriando a vida e a obra do artista. Texto: Flávio Marinho. Direção: Diogo Vilela e Flávio Marinho. Com Diogo Vilela, Carlos Gregório, Sylvia Massari. **Teatro SESC Ginástico** (Rua Graça Aranha 187, Centro). Fone: 2279-4027. Quinta a domingo, 19h30. Quinta, R$20. Sexta a domingo, R$ 25.

CORA CORALINA CORAÇÃO ENCARNADO

Espetáculo teatral criado a partir da obra poética de Cora Coralina, levando o universo da escritora goiana para os palcos. Pesquisa e roteiro: Renata Roriz. Direção: Orã Figueiredo. Com Rita Elmor, Renata Roriz e Rafaela Amado.**Centro Cultural Justiça Federal** (Av. Rio Branco 241, Centro). Fone: 3212-2565. Quinta a domingo, 20h. Quinta e domingo, R$ 15. Sexta e sábado, R$ 20.

CORRÚPCIA

A peça satiriza os recentes acontecimentos do panorama político nacional. Texto: Alberto Queyroi. Direção: Cláudio Handrey. Com Luka Ribeiro, Aldo Perotta e Alessandra Panaro, entre outros. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de S. Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. Terça e quarta, 21h. R$ 30.

CRUZES, FESTA SURPRESA

Dois casais vêem suas vidas darem uma reviravolta durante uma festa surpresa. Texto de Carlos Artur Thiré e Eduardo Albergaria. Direção: Carlos Artur Thiré. Com Isabela Garcia, Georgiana Góes, Edgard Amorim e Júlio Levy. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de S. Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. Quinta a domingo, 19h30. Quinta, R$ 30. Sexta, R$ 35. Sábado e domingo, R$ 40.

CURTAS

Esquetes rápidos satirizam da milionária recém-operada à adolescente inconformada, passando por um lutador de jiu-jitsu e uma cantora fracassada. Texto: Samantha Schmutz, André Frazzi e Gustavo Damasceno. Direção: Leandro Hassum. Com Samantha Schmutz. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274 9895. Sábado e domingo, 20h. R$ 35. A partir de 5 de agosto.

DE PERTO, ELA NÃO É NORMAL

História de uma mulher e outras tantas que atravessaram a sua vida, todas personagens contemporâneas. Texto e atuação: Suzana Pires. Direção: Flávio Rocha. **Caixa Cultural RJ / Camarote Café** (Av. Chile, 230, anexo, 2º. Andar - Centro). Fone: 2262-8152. Quarta, 19h. Entrada franca. Até 2 de agosto.

MILLÔR IMPOSSÍVEL

O inconfundível humor de Millôr Fernandes é o protagonista deste espetáculo, em forma de recital. Texto: Millôr Fernandes. Concepção e direção: Eduardo Wotzik. Com Cristiana Oliveira, Henrique Pagnoncelli e Eduardo Wotzik. **Teatro Café Pequeno** (Avenida Ataulfo de Paiva, 269, Leblon). Fone:

2294-4480. Quinta a sábado, 21h15. Domingo, 20h. Quinta e sexta, R$ 20. Sábado e domingo, R$ 25.

MINHA MÃE É UMA PEÇA

Sozinha em cena, a personagem Dona Hermínia sintetiza, com muito humor, a alma das mulheres de meia idade, aposentadas e sozinhas, cuja maior preocupação é procurar o que fazer. Texto e interpretação: Paulo Gustavo. Direção: João Fonseca. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 20.

NÓS NA FITA

Esquetes bem-humorados em cima de pequenas situações cotidianas. Texto: Marcius Melhem. Direção: Alexandre Régis. Com Marcius Melhem e Leandro Hassum. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274 9895. Quinta a domingo, 21h30. Quinta, sexta e domingo, R$ 40. Sábado, R$ 50.

O AUTOFALANTE

Um homem desempregado sofre uma crise de comunicação com o mundo e passa a falar sozinho. Texto, direção e atuação: Pedro Cardoso. Supervisão: Amir Haddad. **Teatro das Artes** (Rua Marquês de São Vicente, 52, 2º. Andar, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. Quinta, R$ 40. Sexta e domingo, R$ 45. Sábado, R$ 50.

O FIO DA MEADA

Comédia romântica aborda temas como solidão e desejo, a partir do encontro de uma balconista e um caminhoneiro. Texto: Paulo Reis. Direção: Mônica Alvarenga. Com Marta Paret e Anselmo Vasconcellos. **Casa da Gávea** (Pça Santos Dumont, 116, sobrado, Gávea). Fone: 2239-3511. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 30. A partir de 28 de julho.

O PÚCARO BÚLGARO

O texto de Campos de Carvalho é levado ao palco por inteiro, no gênero chamado de romance-em-cena. Direção: Aderbal Freire-Filho. Com Augusto Madeira, Cabdido Damm, Gil Coutinho, Isio Ghelman e Raquel Iantas. **Teatro Poeira** (Rua São João Batista, 104, Botafogo). Fone: 2537-8053. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. Quinta e sexta, R$ 20. Sábado e domingo, R$ 30. Poleiro: R$ 10 (quinta e sexta) e R$ 15 (sábado e domingo)

OS HOMENS SÃO DE MARTE ... E É PRA LÁ QUE EU VOU

Fernanda, jornalista solteira, relata seus conflitos e dilemas na busca de um grande amor. Texto e atuação de Mônica Martelli. Direção: Victor Garcia Peralta. **Teatro Vannucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52, 3º piso, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. Quinta, R$ 35. Sexta e domingo, R$ 40. Sábado, R$ 45.

OS MONÓLOGOS DA VAGINA

Depois de ser assistida por mais de 800 mil pessoas em todo o Brasil, a peça volta aos palcos cariocas com um divertido mosaico sobre a sexualidade feminina. Texto: Eve Ensler. Adaptação e direção: Miguel Falabella. Com Tânia Alves, Fafy Siqueira e Vera Setta. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marquês de S. Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. Quinta, R$ 30. Sexta e domingo, R$ 40. Sábado, R$ 45.

OS SEGREDOS QUE SÓ OS HOMENS TÊM

A peça desvenda o universo masculino com muito humor. Texto: A. Paul e Paul Stewart. Adaptação: Bruno Mazzeo. Direção: Evandro Mesquita. Com Com Carlos Bonow, Marcelo Laham e Sergio Abreu. **Teatro Miguel Falabella** (Av. Dom Hélder Câmara, 5332, NorteShopping). Fone: 2595-8245. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. Quinta e sexta, R$ 20. Sábado e domingo, R$ 30.

ÓPERA DO MALANDRO EM CONCERTO

Produção musical com novo formato e músicas inéditas, mantendo o elenco da peça que foi sucesso em 2003. Direção e figurinos: Charles Möeller. Roteiro e direção musical: Claudio Botelho. Com Soraya Ravenle, Alessandra Maestrini, Claudio Lins. Local: **Teatro Leblon – sala Marília Pêra** (Rua Conde Bernadotte 26 – Leblon). Fone: 2294-0347. Quinta e sexta, 21h. Sábado, 20h30. Domingo, 19h30. Quinta, R$ 40. Sexta e domingo, R$ 45. Sábado R$50.

OUTONO E INVERNO

Durante um almoço de domingo a roupa suja familiar é lavada entre duas filhas e seus pais. Texto: Lars Norén. Direção: Eduardo Tolentino. Com Laura Cardoso, Sérgio Britto, Denise Weinberg e Emilia Rey. **Centro Cultural Banco do Brasil - Teatro I** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. Quarta a domingo, 19h. R$ 10.

OVO FRITO

São dois atos: um espetáculo com textos inéditos e depois debates com questões levantadas pela peça, como a perplexidade de se viver no mundo atual. Texto: Fernando Bonassi. Direção: Moacir Chaves. Com Alessandra Colasanti, Julia Carrera e Tila Teixeira. **Espaço Rogério Cardoso, Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2267-1647. Quartas, 21h. R$ 20. R$ 10,00 (estudante).

PORCELANA FINA

Enquanto um vendedor tenta negociar sua produção de penicos, a esposa só pensa na suposta prisão de ventre do filho. Texto: George Feydeau. Direção: Antonio Pedro Borges. Com Vera Fischer, Perry Salles. **Teatro Leblon/Sala Fernanda Montenegro** (Rua Conde Bernadotte 26 – Leblon). Fone:

em cartaz

peças, horários, teatros e preços

2274-3536. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h30. Quinta, R$ 40. Sexta e domingo, R$ 50. Sábado, R$ 60.

PIQUENIQUE NO FRONT

Escrita por um dos maiores autores do *Teatro do Absurdo*, a história acontece num front de batalha, quando os pais de um dos soldados resolvem visitá-lo. Texto: Fernando Arrabal. Direção: Fábio Porchat. Com Camillo Borges e Lucas Netto, entre outros. **Ruína 559** (Rua das Laranjeiras, 559, Laranjeiras). Fone: 9234-5012. Sábado e domingo, 17h. R$ 10.

RÁDIO NACIONAL – AS ONDAS QUE CONQUISTARAM O BRASIL

Com a supervisão de Bibi Ferreira, musical faz uma justa homenagem à época de ouro da Rádio Nacional. Texto: Fátima Valença. Direção: Fábio Pillar. Com Cláudia Vigonne, Fábio Pillar, Sylvia Bandeira. **Teatro Villa-Lobos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2275-6695. Quinta a Sábado, 21h. Domingo, 20h. Quinta e sexta, R$ 40. Sábado e domingo, R$ 50.

RÉQUIEM PARA UM SONHO

Versão teatral do filme de Darren Aronofsky. Adaptação e direção: Gustavo Rizzotti. Com a *Cia 2 de Teatro*. Teatro Ipanema (**Rua Prudente de Moraes, 824, Ipanema). Fone:** 2523-9794. Terça e quarta, 21h. R$ 20.

SUB:WERTER

Baseada no clássico *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe. Texto: Walter Daguerre. Direção: Marco André Nunes. Com a *Cia de Teatro Uso Tópico*. **Teatro Maria Clara Machado** (Rua Padre Leonel Franca, 240, Gávea). Fone: 2274-7722. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$ 20. Estudantes, idosos e classe artística pagam meia. Até 30 de julho.

TEM GENTE!

Em 75 anos de vida, a pessoa passa aproximadamente três anos indo ao banheiro... O que se faz por lá? Texto: Criação coletiva do elenco. Direção: Maíra Graber. Com Flávio Medeiros, Mariana Zurc, Gabriela Milheiro. **Teatro Miguel Falabella** (Av. Dom Hélder Câmara, 5332, NorteShopping). Fone: 2595-8245. Terça e quarta, 20h. R$ 16. Até 31/7.

TUBO DE ENSAIO

Esquetes de humor que trazem tipos bem diferentes como o coelho que detesta distribuir ovos de Páscoa e as irmãs siamesas que ganham a vida como cantoras sertanejas. Texto: Isadora Andrade e Paula Rocha. Direção: Tubo de Ensaio. Com Wendell Bendelack, Luís Águia. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 2267-7295. Sexta e sábado, 23h. R$ 20.

depois do teatro

A peça termina, as cortinas se fecham, mas o programa continua

Cláudia E.

Sudwiches e sud-dogs

Saindo da peça *O Autofalante*, no Teatro das Artes, vá fazer a festa no restaurante da Roberta Sudbrak. Aos sábados e domingos, há uma mesa única que é uma verdadeira festa de Babette. Entre as comidinhas, você pode escolher "omeletes baveuses", "sudwiches " ou o "sud-dog", com queijo gruyére e salsicha de vitela, que combinam perfeitamente com uma taça de champagne bem geladinho. Outra boa dica: as tortinhas incríveis de sobremesa. Se tiver a de pêra quente, não perca – é de comer rezando!

Avenida Lineu de Paula Machado, 916, fone: 3874-0139, Jardim Botânico.

Risoto de camarão

Depois de assistir *Millôr Impossível*, no Teatro Café Pequeno, vá à Osteria Dell'Angolo e peça risoto de camarão só com molho de tomate, que não consta no cardápio, mas é servido se você pedir. Para acompanhá-lo, um vinho tinto chileno "Vagabunda" e me diga se a vida não pode ser maravilhosa... E não se esqueça de pedir uma porção de queijo parmesão italiano para terminar o vinho. Para acompanhar o café ou o chá, não deixe de provar as *tuilles*, sempre crocantes e deliciosas.

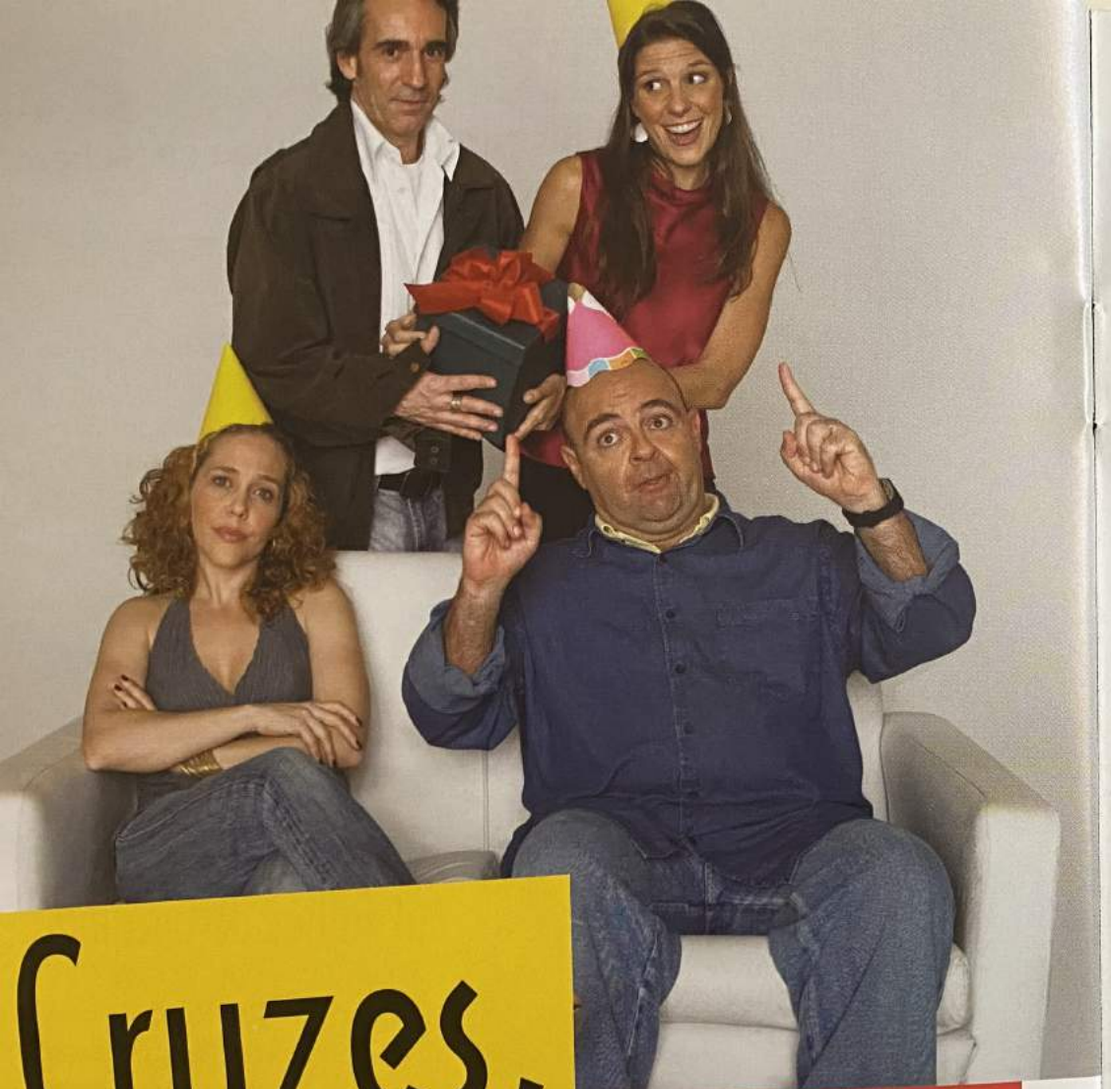
Rua Paul Redfern, 40
Fone: 2259-3148, Ipanema.

Mil folhas de bacalhau

Você não pode perder o espetáculo *Cauby, Cauby* no Teatro Ginástico, é emocionante! Saindo de lá, aproveite que está no centro da cidade e vá jantar no Cais do Oriente, instalado em um casarão de 1860 e com ambiente lindo e sofisticado. A grande pedida é o mil folhas de bacalhau com berinjela, com molho de carne ao tomilho e alecrim. Bárbaro!

Mas não se esqueça de que o restaurante não abre para jantar aos domingos.

Rua Visconde de Itaboraí, 8, fone: 2233-2531, Centro.



Cruzes, festa surpresa

Isabela Garcia e Carlos Artur Thiré, casados na vida real, mostram crise conjugal. Mas só no palco.

Por Simone Melamed

De acordo com o dito popular, família que trabalha unida permanece unida. E, ainda que o provérbio conte com alguns oponentes, tem muita gente apostando nele, como no caso da peça *Cruzes, festa surpresa*, que ocupa o palco do Teatro Clara Nunes, a partir de 24 de julho. Marido e mulher, Isabela Garcia e Carlos Artur Thiré também dividem as funções na ficha técnica do espetáculo: ela responde pela produção e atuação, enquanto ele assina o texto e a direção.

"O projeto começou há quatro anos, quando uma conhecida pediu pro Carlinhos escrever uma comédia sobre relacionamentos. Depois, ela foi fazer outros trabalhos, nós acabamos nos conhecendo, começamos a namorar, eu conheci o texto... Neste meio tempo, produzimos *Beijo na boca*, uma peça infantil. Vimos que nos dávamos bem trabalhando", conta Isabela, que acaba de colocar um ponto final na licença-maternidade, um ano depois da chegada dos gêmeos Francisco e Bernardo. "Nós fizemos dois filhos e uma peça, que é como se fosse um outro filho. E está sendo muito prazeroso, agora, ver este filho começando a andar sozinho".

Nem tudo é o que parece ser...

Se o casal gosta de discutir a relação em casa, não dá para saber, mas em cena o assunto é o prato principal. Lúcia (Georgiana Góes) e Inês (Isabela Garcia) são duas amigas de infância, em momentos de vida bastante antagônicos. Enquanto a primeira deu certo em tudo na vida – profissional e afetivamente – a segunda está passando por um período bem conturbado, com o marido (Júlio Levy) desempregado e morando na casa dos pais. Mas é quando Lúcia resolve fazer uma festa surpresa para Henrique (Edgard Amorim), convidando o outro casal, que as verdades vêm à tona, mostrando que a grama do vizinho nem sempre é mais verde do que a nossa, como tendemos a imaginar.

"No início, eles são o super homem e a mulher maravilha, para os amigos que não estão com a vida muito legal. Só que, aos poucos, a imagem vai caindo, e percebe-se que nem tudo é o que parece ser e que todo mundo passa por momentos difíceis. Com isto, a Inês e o marido acabam se fortalecendo. Mas tudo é visto de uma maneira engraçada, de um jeito tosco. Cada vez mais, as pessoas querem ir ao teatro para ver comédias, e a possibilidade de mostrar um assunto interessante – que tem a ver com a vida de todo mundo, num formato que as pessoas gostam de ver – é muito legal", diz Isabela.

O Clã dos Thiré

Terceira geração de um clã artístico de primeira, Carlos Artur Thiré até tentou renegar a genética teatral, ao se formar em Biologia, mas acabou sucumbindo à saga familiar, que tem em Tônia Carrero o seu pilar principal. Neto da consagrada atriz e filho do também ator Cecil Thiré, o autor e diretor é irmão de Miguel Thiré – que estreou, como dramaturgo, com a peça "Superiores" – e de Luísa Thiré, uma das fundadoras da companhia Teatro Livre.

FOTO: IAN COSTA / DIVULGAÇÃO

MILLOR IMPOSSÍVEL

Teatro do Café Pequeno recebe o humor inteligente do humorista, teatrólogo e jornalista Millôr Fernandes, em peça de Eduardo Wotzik.

Sabe aquela noitada gostosa e aparentemente descompromissada quando, em volta de uma mesa de bar, amigos jogam conversa fora – com direito a tiradas antológicas – sem pressa para terminar? Pois é este o clima da peça em cartaz no Teatro do Café Pequeno, *Millôr Impossível*, concebida e dirigida por Eduardo Wotzik, com Cristiana Oliveira e Henrique Pagnoncelli no elenco, além do próprio autor. A peça é totalmente inspirada – e centrada - em ninguém menos do que o humorista, teatrólogo e jornalista Millôr Fernandes.

"Millôr é daquelas criaturas que demonstram que a inteligência faz sorrir e que um mundo mais inteligente é mais feliz. Um dos últimos brasileiros a quem ainda se pode adjetivar sem medo. Por isso, selecionei vários de seus textos e editei este espetáculo que chamo de *Millôr Impossível*. Impossível de maroto que é, e impossível de impossível mesmo de sintetizar, já que o homem tem uma obra que daria e dará, no futuro, milhares de espetáculos", diz Wotzik.

Sem firula

Na peça, frases, hai-kais, crônicas e piadas, todas assinadas por um dos fundadores do *Pasquim*, vêm à baila numa espécie de recital, em que a palavra do mestre é quem brilha. "É como se nós fôssemos interlocutores, transmitindo a palavra dele que é de uma genialidade e uma nobreza ímpar. O espetáculo é sério, mas engraçado, sem firula. E a gente não interpreta personagens, porque o personagem é um só e se chama Millôr Fernandes", define Cristiana, que também se aventura na produção da montagem. "O Millôr celebra o ser humano e a verdade absoluta entre as pessoas. Ele é o tipo de pessoa que provoca uma reação tardia, mas definitiva".

Contra a corrente de uma época em que, muitas vezes, o entretenimento chega pronto, fácil e mastigado, o trio de artistas sonha com o público saindo do teatro com um sorriso no rosto, mas refletindo sobre o que foi dito e querendo conversar sobre os diversos assuntos abordados: dos de duplo sentido aos mais banais. A dica? Uma noitada gostosa... em volta de uma mesa de bar... sem pressa para terminar!

Dicionário de idéias imediatas

(publicado por Millôr, no Pasquim)

Carteiro – **Esse sim tem uma mensagem!**
Charme – **Isso que se diz que as criaturas têm quando não têm nenhuma outra qualidade visível.**
Civilização – **Consiste em inventar tantos processos de locomoção que, afinal, ninguém pode andar.**
Corrupção – **Sentimento que os corruptos não conhecem.**
Delinqüência juvenil – **Cura-se com o passar dos anos. A juvenilidade, digo.**
Disse-me-disse – **A verdadeira imprensa falada.**
Espiritismo – **Requer presença de espírito.**

Hai-kais

Olho, alarmado:
E se a vida for
Do outro lado?

Eremita,
No deserto me afundo
Pra ser
O centro do mundo

Como com gosto
Mas bom mesmo é o gosto
Do sexto oposto

FOTO: ANDRÉ WANDERLEY / DIVULGAÇÃO

Marília Pera em "A vida escrachada de Joana Martine e Babe Stompanato", 1972

Colecione os últimos 7 anos de teatro

Assine Aplauso!

Assinatura semestral R$ 30

Enviamos para todo o Brasil

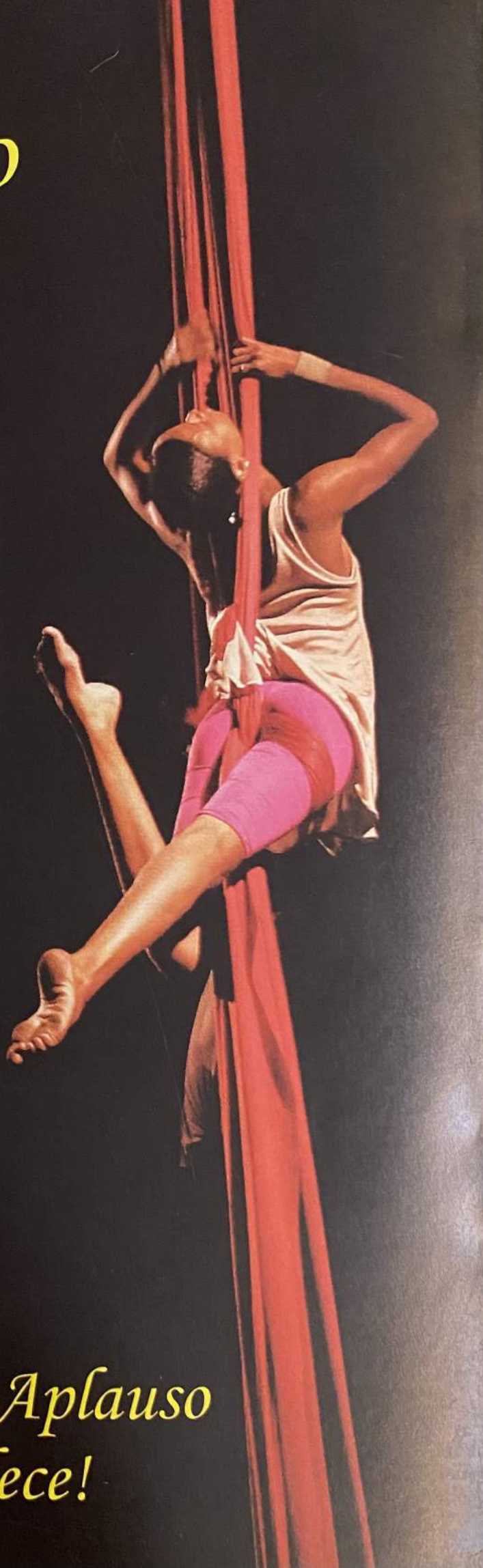
Maiores informações

Tel.: (21) 2239-1163

ou e-mail: aplauso@gbl.com.br

Coleção completa de Aplauso por R$ 78! Edições de 1 a 75

Sem o apoio de vocês, não voaríamos tão longe...



STAR LIGHTING DIVISION

Lavanderia Flor de Copacabana

GATO PRETO

jacqueline ferté

EDITORA Abril

achē www.ache.com.br

POLIRON®

jamef ENCOMENDAS URGENTES

Santa Edwiges®

Areal Tossati

RAYONTEX® FIOS E FIBRAS SINTÉTICAS

TRAMONTINA

Pedreira Carioca

O Galpão Aplauso agradece!